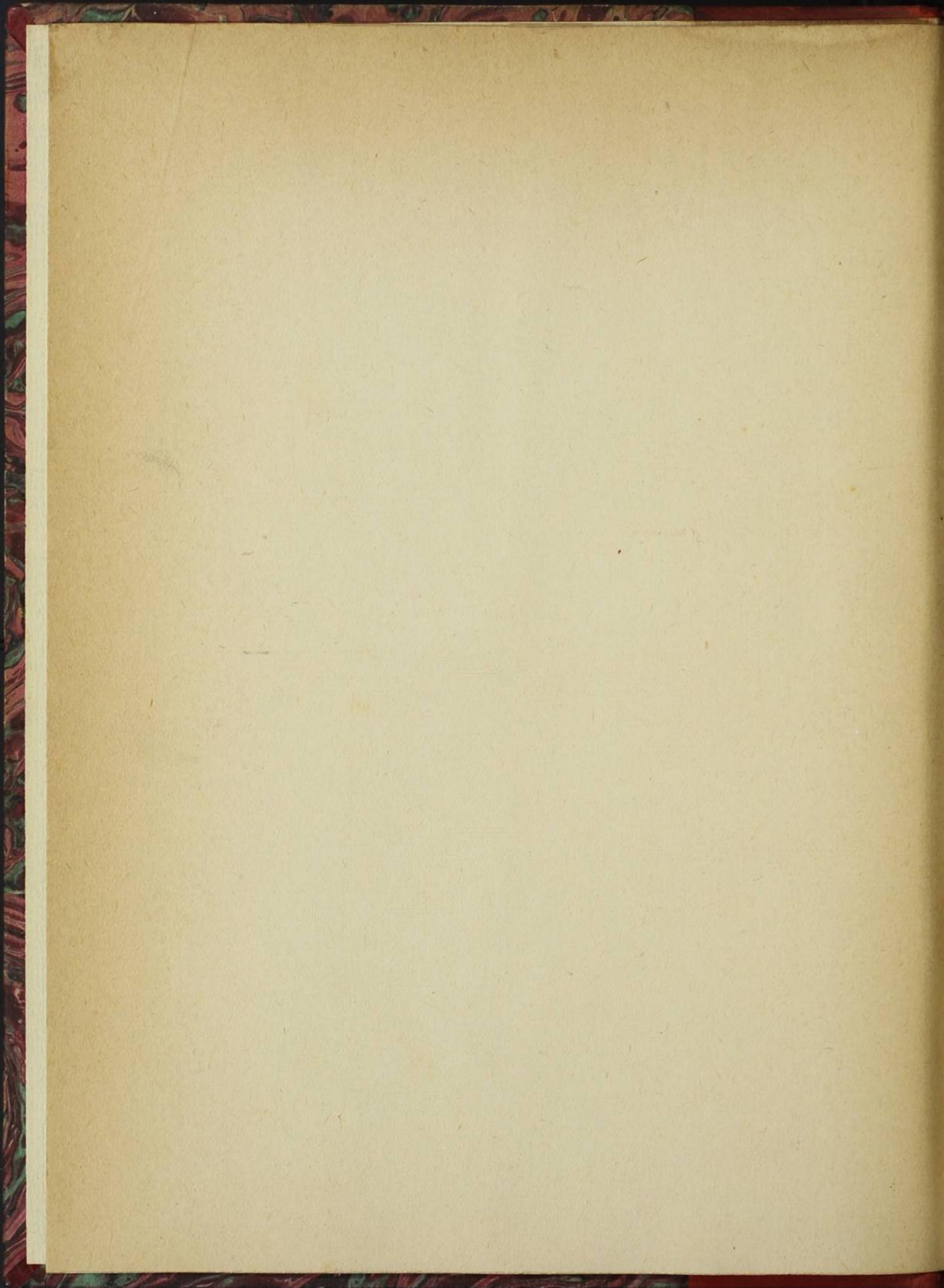


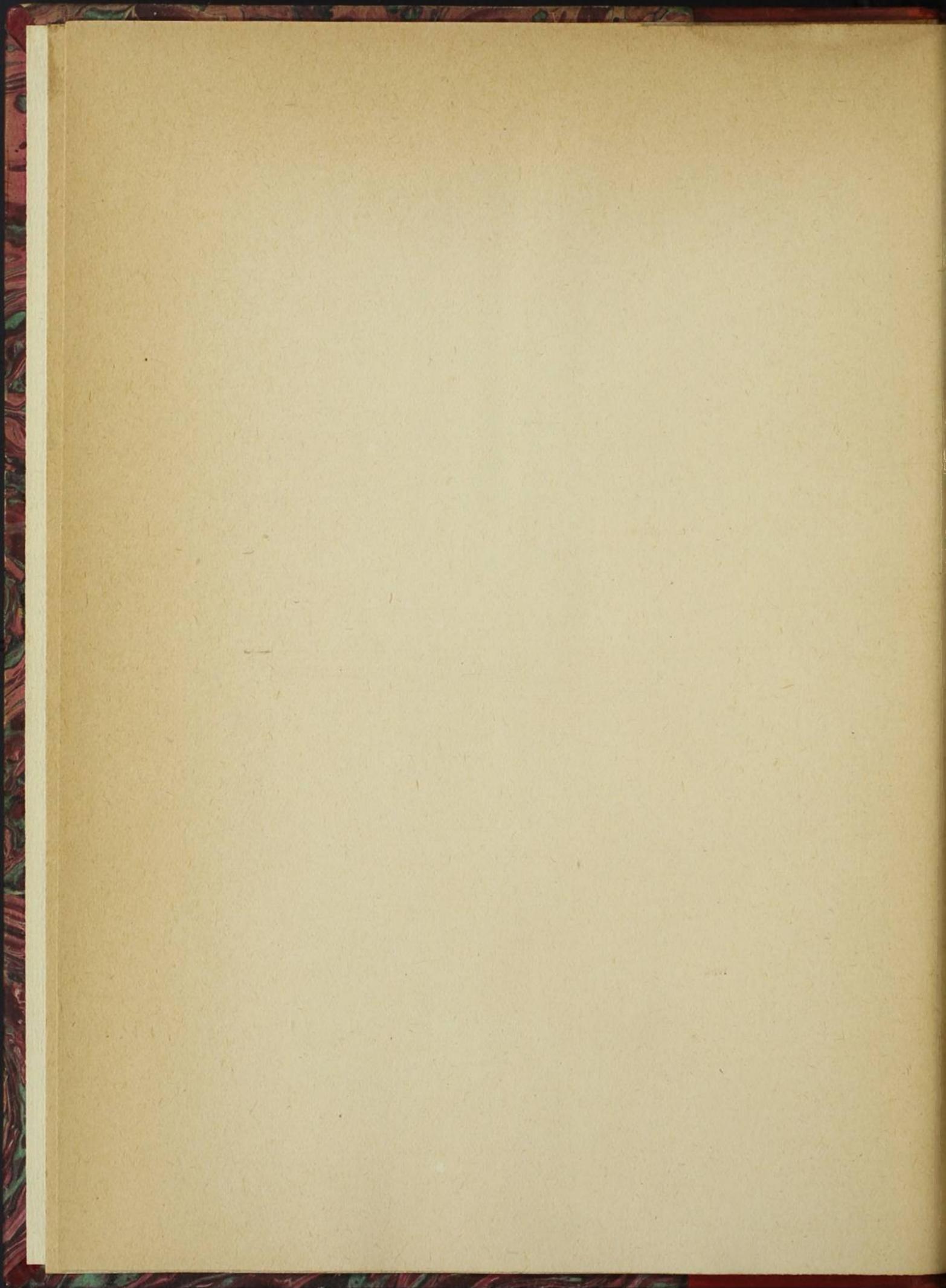
le ne fay rien
sans

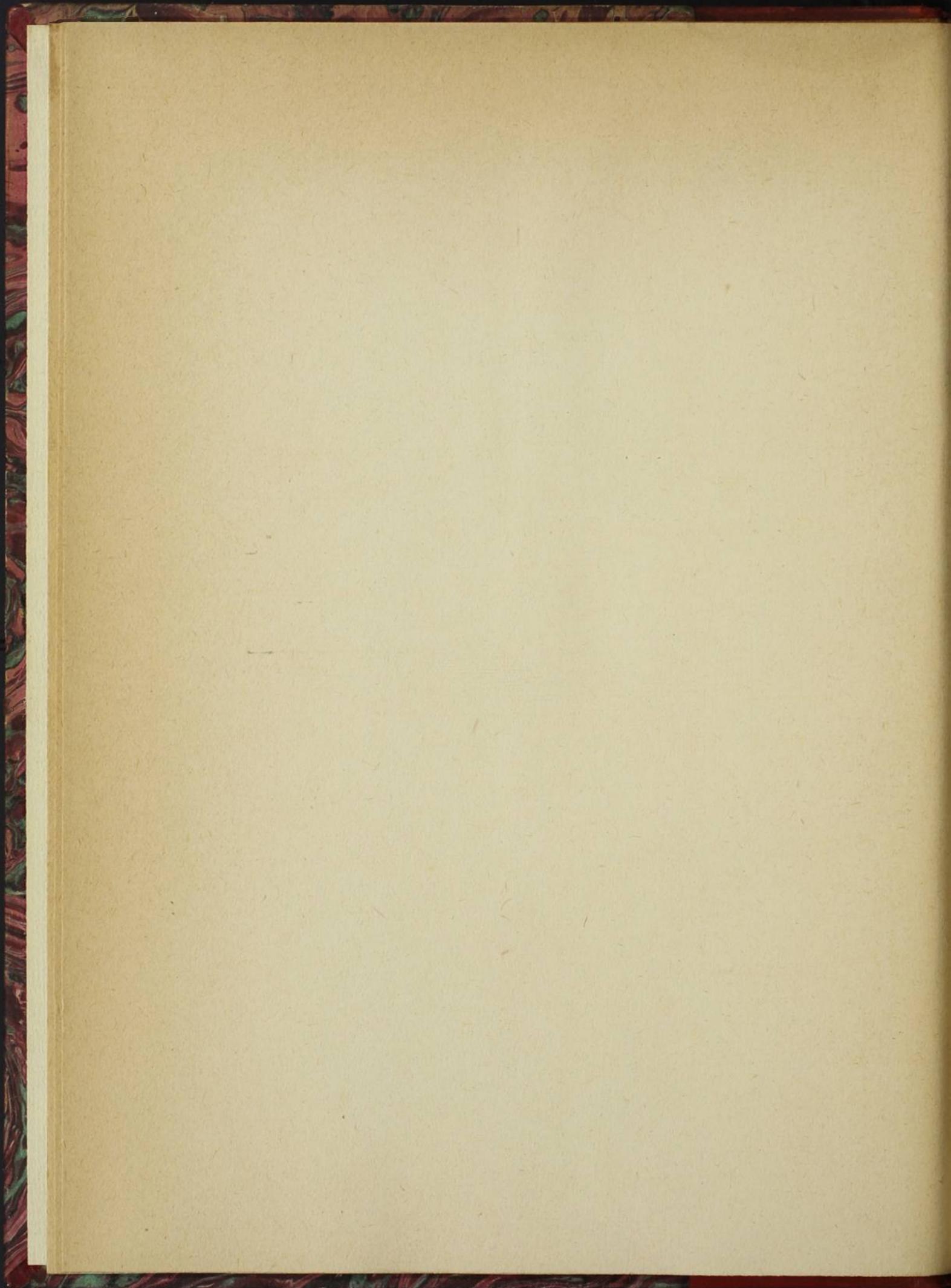
Gayeté

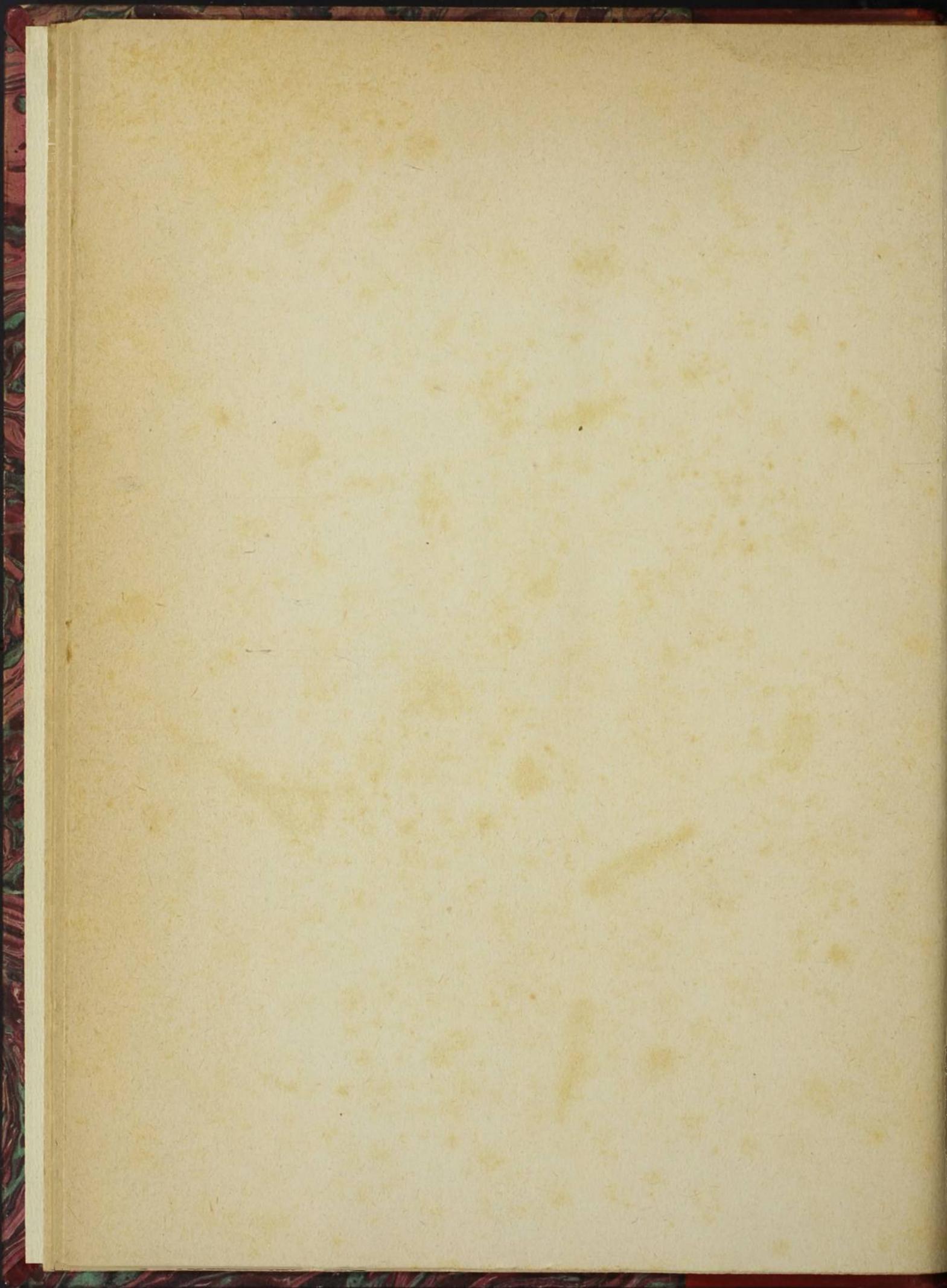
(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin







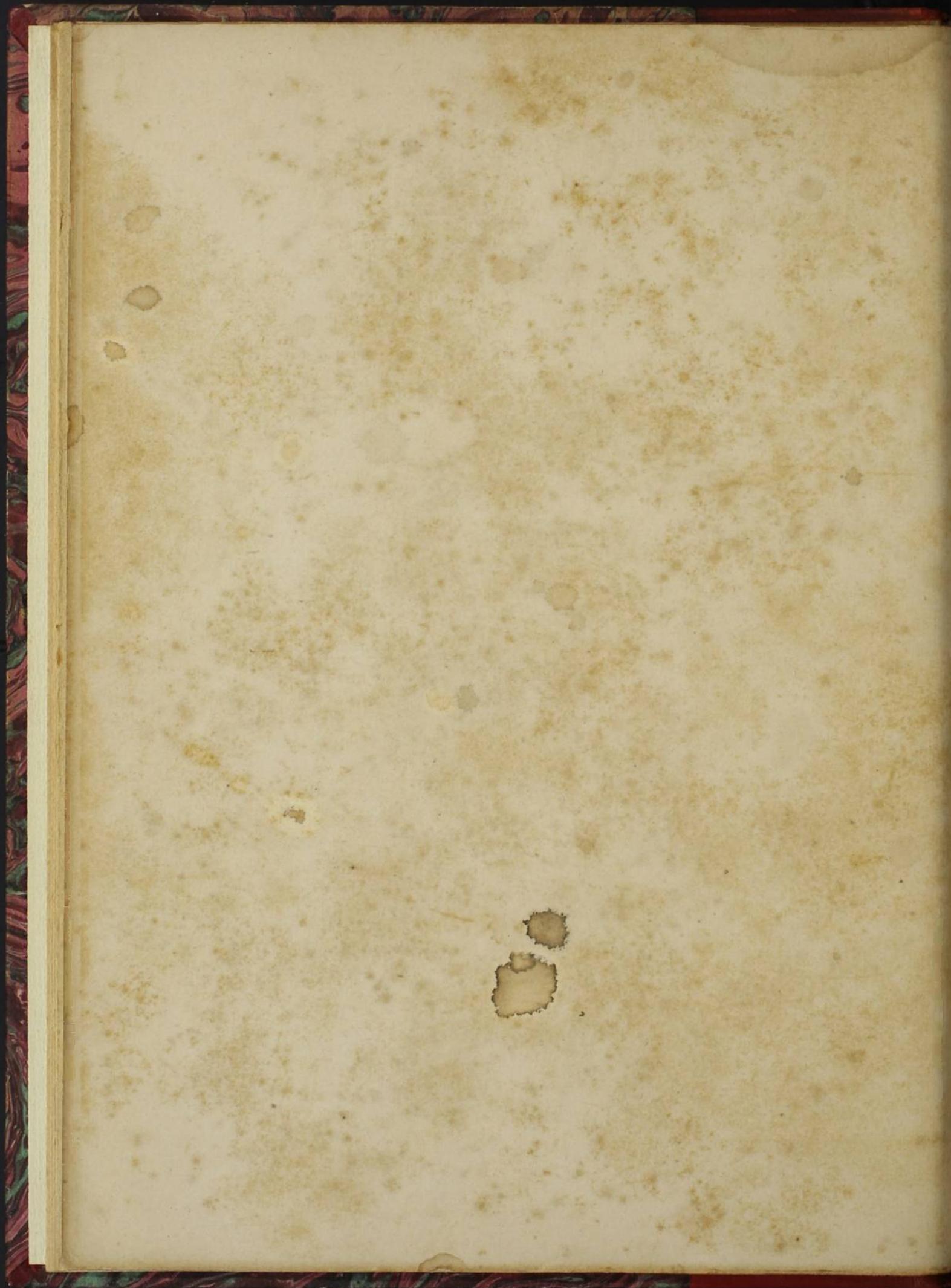


JOÃO CABRAL DE MELO NETO

O ENGENHEIRO



AMIGOS DA POESIA
1945



A América Faco,
Invenção de
João Cabral de Melalco
Rio, 1945

O ENGENHEIRO

Do autor

CONSIDERAÇÕES SOBRE O POETA DORMINDO, Recife,
1941.

PEDRA DO SONO, poemas, Recife, 1942.

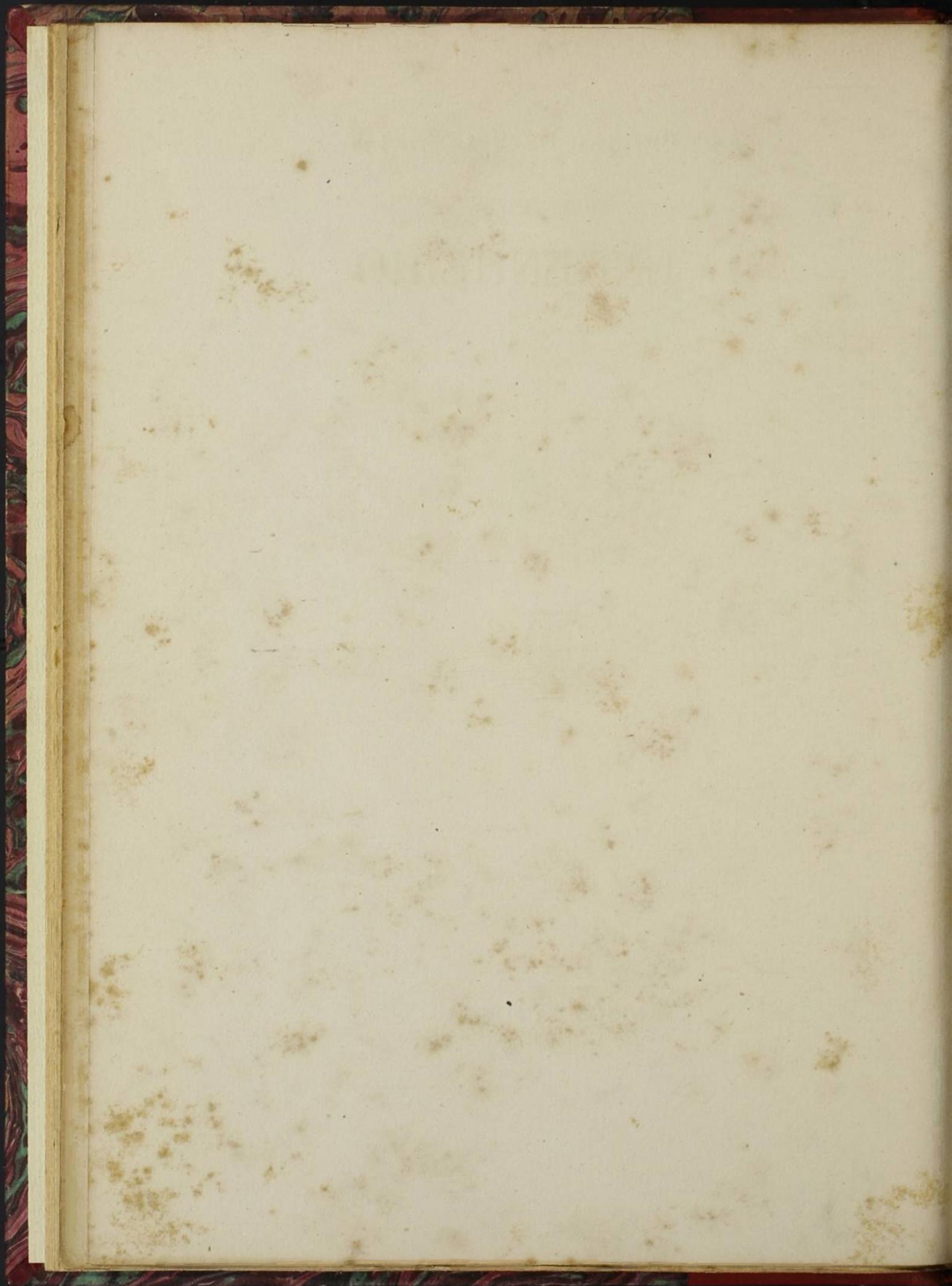
JOÃO CABRAL DE MELO NETO

O ENGENHEIRO



AMIGOS DA PÓESIA

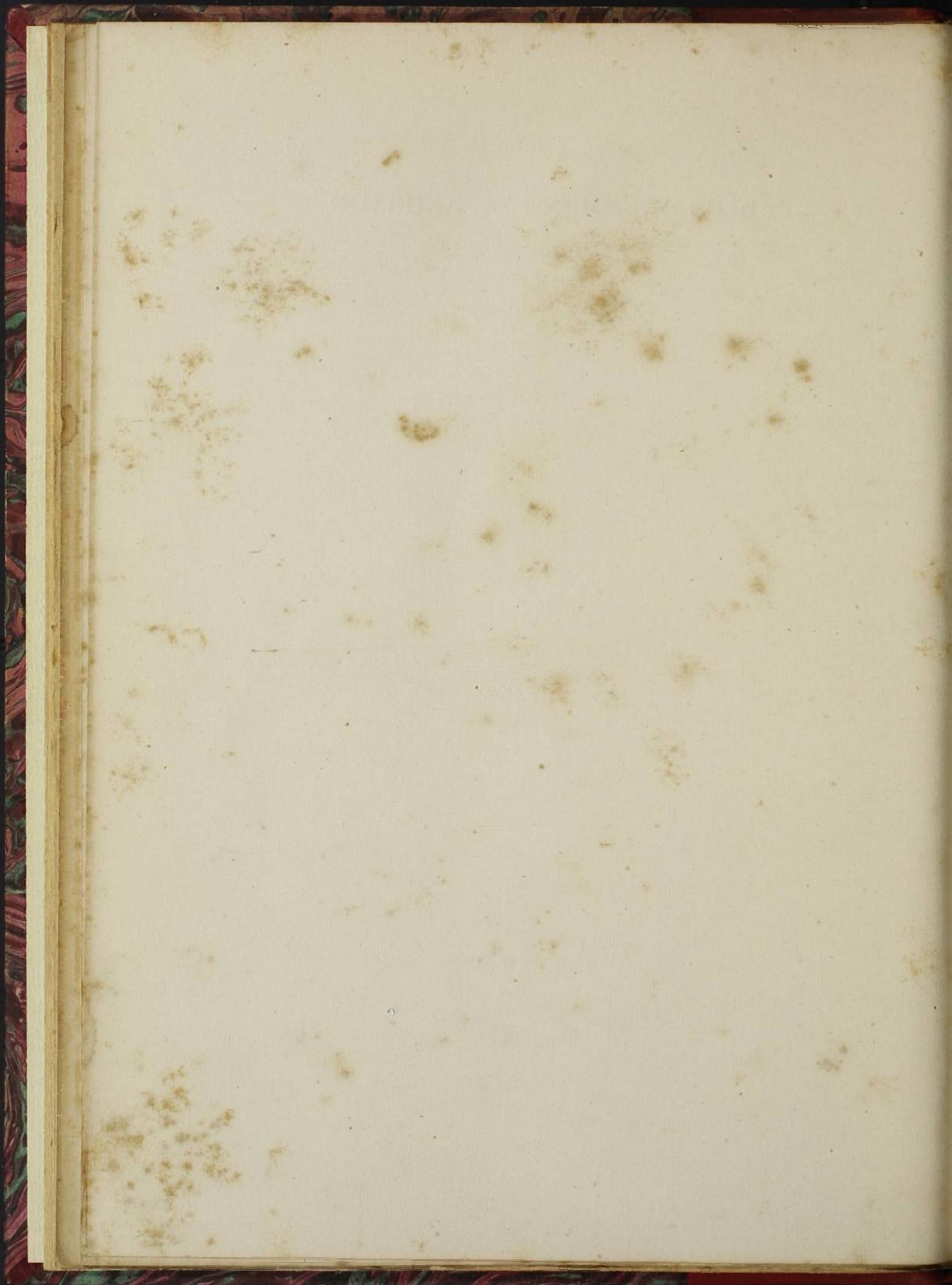
1945



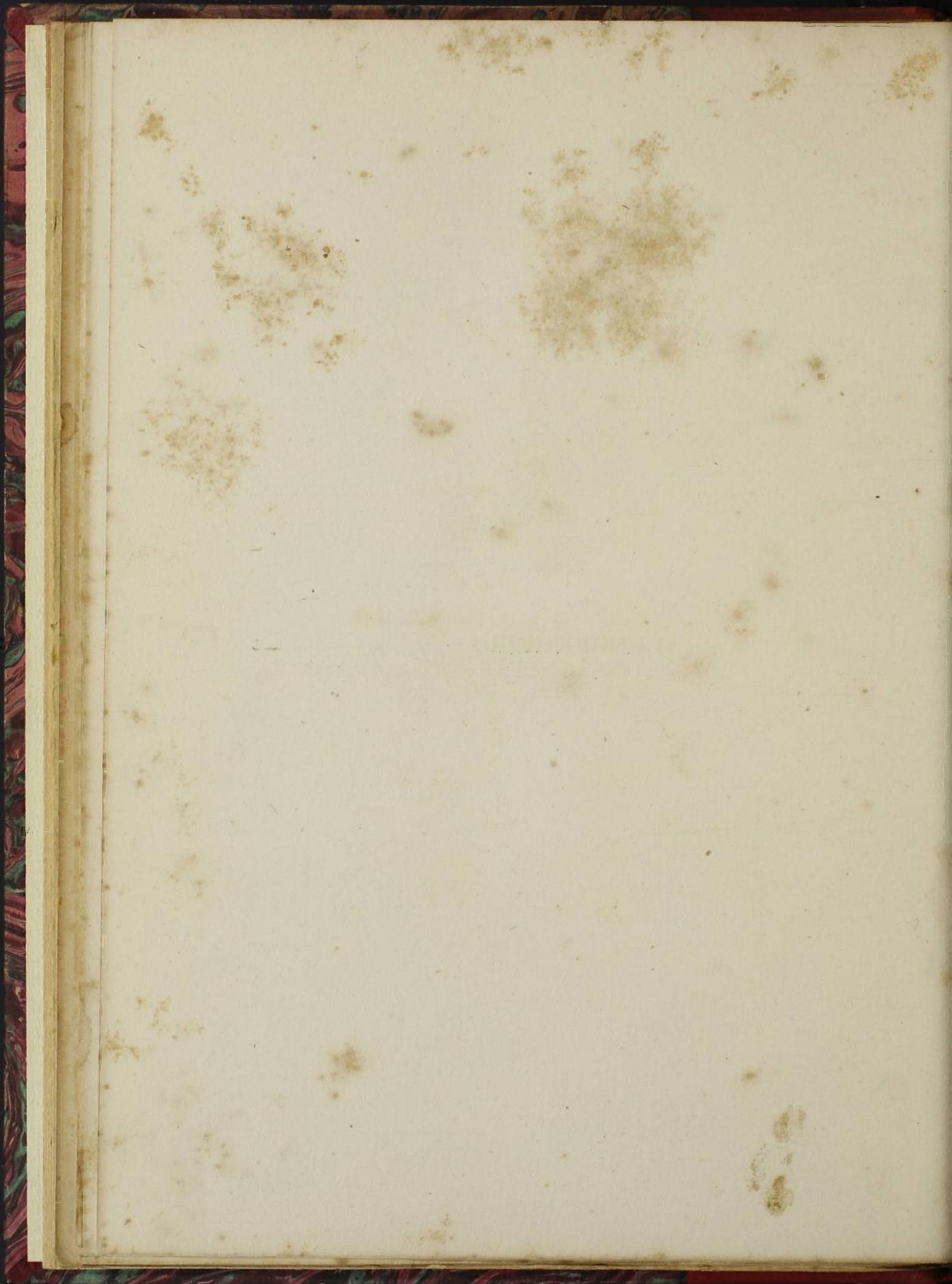
A

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE,

meu amigo

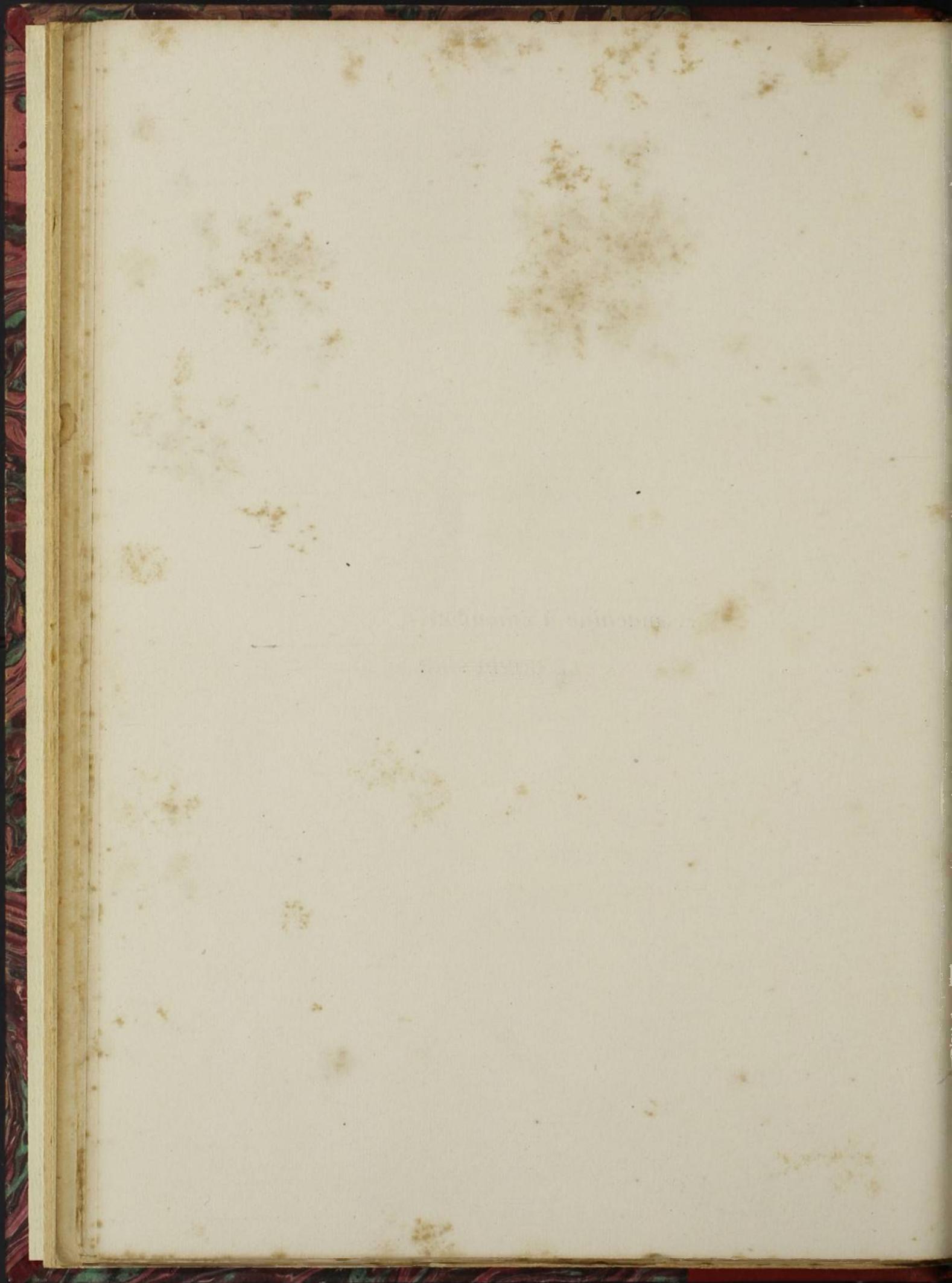


O ENGENHEIRO



...machine à émouvoir.

LE CORBUSIER



AS NUVENS

As nuvens são cabelos
Crescendo como rios;
São os gestos brancos
Da cantora muda;

São estátuas em vôo
À beira de um mar;
A flora e a fauna leves
De países de vento;

São o olho pintado
Escorrendo imóvel;
A mulher que se debruça
Nas varandas do sono;

São a morte (a espera da)
Atrás dos olhos fechados;
A medicina, branca!
Nossos dias brancos.

A PAISAGEM ZERO

(Segundo Monteiro, V. do R.)

A luz de três sóis
Ilumina as três luas
Girando sôbre a terra
Varrida de defuntos.
Varrida de defuntos
Mas pesada de morte:
Como a água parada,
A fruta madura.
Morte a nosso uso
Aplicadamente sofrida
Na luz dêsses sóis
(frios sóis de um cego);
Nas luas de borracha
Pintadas de branco e preto;
Nos três eclipses

Condenando o muro;
No belo tempo mineral,
Que afugentou as floras.
E morte ainda no objeto
(sem história, substância,
Sem nome ou lembrança)
Abismando a paisagem
Janela aberta sôbre
Os sonhos dos mortos.

A BAILARINA

A bailarina feita
De borracha e pássaro
Dança no pavimento
Anterior do sonho.

A três horas de sono
Mais além dos sonhos
Nas secretas câmaras
Que a morte revela.

Entre monstros feitos
A tinta de escrever
A bailarina feita
De borracha e pássaro.

Da diária e lenta
Borracha que mastigo.
Do pássaro ou inseto
Que não vou caçar.

A VIAGEM

Quem é alguém que caminha
Tôda a manhã com tristeza
Dentro de minhas roupas, perdido
Além do sonho e da rua?

Das roupas que vão crescendo
Como se levassem nos bolsos
Doces geografias, pensamentos
De além do sonho e da rua?

Alguem a cada momento
Vem morrer no longe horizonte
Do meu quarto onde êsse alguem
É vento, barco, continente.

Alguem me diz tôda a noite
Coisas em voz que não ouço.
— Falemos na viagem, eu lembro.
Alguem me fala na viagem.

A MULHER SENTADA

Mulher. Mulher e pombos.

Mulher entre sonhos.

Nuvens nos seus olhos?

Nuvens sôbre seus cabelos.

(A visita espera na sala;

A notícia, no telefone;

A morte cresce na hora,

A primavera além da janela).

Mulher sentada. Tranqüila

Na sala, como se voasse.

O ENGENHEIRO

A luz, o sol, o ar-livre
Envolvem o sonho do engenheiro.
O engenheiro sonha coisas claras:
Superfícies, tênis, um copo d'água.

O lápis, o esquadro, o papel;
O desenho, o projeto, o número:
O engenheiro pensa o mundo justo
Mundo que nenhum véu encobre.

(Em certas tardes nós subíamos
Ao edifício. A cidade diária
Como um jornal que todos liam
Ganhava um pulmão de cimento e vidro).

A água, o vento, a claridade,
De um lado o rio, no alto as nuvens
Situavam na natureza o edifício
Crescendo de suas fôrças simples.

OS PRIMOS

Meus primos todos
Em pedra, na praça
Comum, na rua
De nome indígena.
No gesso branco
Os antigos dias,
Os futuros mortos.
Nas mãos caiadas
As impressões digitais
Particulares, os gestos
Famíliares. Os movimentos
Plantados em alicerces
Os olhos bolindo
De vida prêsã.
Meus primos todos
Em mármore branco:
O funcionário, o atleta,

O desenhista, o cardíaco,
Os bacharéis anuais.
Nos olhamos nos olhos
Cumprimentamos nossas
Duras estátuas.
Entre nossas pedras
(uma ave que voa;
Um raio de sol)
Um amor mineral,
A simpatia, a amizade
De pedra a pedra
Entre nossos mármorees
Recíprocos.

O FIM DO MUNDO

No fim de um mundo melancólico
Os homens lêem os jornais.
Homens indiferentes a comer laranjas
Que ardem como o sol.

Me deram uma maçã para lembrar
A morte. Sei que cidades telegrafam
Pedindo querozene. O véu que olhei voar
Caiu no deserto.

O poema final ninguém escreverá
Dêsse mundo particular de 12 horas.
Em vez de juízo final a mim me preocupa
O sonho final.

A MOÇA E O TREM

O trem de ferro
Passa no campo
Entre telégrafos.
Sem poder fugir
Sem poder voar
Sem poder sonhar
Sem poder ser telégrafo

A moça na janela
Vê o trem correr
Ouve o tempo passar.
O tempo é tanto
De se poder ouvir
E o escuta passar
Como outro trem.

O oculto elástico
Dos gestos — cresce:
A moça na janela
Vê a planta crescer
Sente a terra rodar:
Que o tempo é tanto
De se poder ver.

AS ESTAÇÕES

Uma chuva fina
Caiu na toalha;
Molhou as roupas;
Encheu os copos.
Esfriou os corações
Enlaçados nas árvores
(Do frio que separa
Como os nomes).
O mundo cheio de rios,
Lagos, recolhimentos
A nosso uso.





Num céu profundo
Máquinas de nuvens
Elefantes de nuvens
Passam cantando.
Sob as mãos inertes
Os móveis suam.
O ambiente doméstico
Quer abrir as janelas:
Sobre folhas secas,
Sobre sonhos, fantasmas
Mortos de sede





Os homens podem
Sonhar seus jardins
De matéria fantasma.
A terra não sonha,
Floresce na matéria
Doce aos olhos: flor,
Sonho fora do sono
E fora da noite como
Os gestos em que floresces
Também: teu riso irregular,
O sol na pele.





Na fruta sôbre a mesa
Procuro um verso
Que revele o outono.
Procuro o ar
Da estação; imagino
Um freixo; exercito
Trucs, palavras
(Ante a fruta madura
À beira da morte,
Imóvel no tempo
Que ela sonha parar).



A MESA

O jornal dobrado
Sôbre a mesa simples;
A toalha limpa,
A louça branca

E fresca como o pão.

A laranja verde:
Tua paisagem sempre,
Teu ar-livre, sol
De tuas praias; clara

E fresca como o pão.

A faca que aparou
Teu lápis gasto;
Teu primeiro livro
Cuja capa é branca

E fresca como o pão.

E o verso nascido
De tua manhã viva,
De teu sonho extinto,
Ainda leve, quente

E fresco como o pão.

O FANTASMA

Surpresa dô encontro
Com o fantasma
Na praia:

Camisa branca,
Corpo diáfano,
Funções tranqüilas
No banho do sol.

O apêrto de mãos
Ao fantasma
Na praia:

Espectros de mãos
Sem linha de vida,
Sem física, química,
História natural.

A cordial palestra
Com o fantasma
Na praia:

Voz clara e evidente
De enigma vencido.
A conversa tranqüila
Uma fonte do susto.

As práticas infantis
Com o fantasma
Na praia:

Decifra logogrifos,
Palavras cruzadas,
Desenha uma flor
Que é também um gato.

Semelhança com um barco
Dêsse fantasma
Na praia:

Correndo na areia
Deixa o rastro de um barco.
Leva o ar entre os homens
De um barco na areia.

O FUNCIONÁRIO

No papel de serviço

Escrevo teu nome

(Estranho à sala

Como uma flor)

Mas a borracha

Vem e apaga.

Apaga as letras

O carvão do lápis

Não o nome

Vivo animal

Planta viva

A arfar no cimento.

O macio monstro

Devolve o silêncio

À página branca;

Calma à mesa,

Sono ao lápis,

Aos arquivos, poeira.

Fome à boca negra
Das gavetas, sede
Ao mataborrão;
A mim, a prosa
Procurada, o conforto
Da poesia ida.

O POEMA

.....

A tinta e a lápis
Escrevem-se todos
Os versos do mundo.

Que monstros existem
Nadando no poço
Negro e fecundo?

Que outros deslizam
Largando o carvão
De seus ossos?

Como o ser vivo
Que é um verso
Um organismo

Com sangue e sôpro
Pode brotar
De germes mortos?

O papel nem sempre
É branco como
A primeira manhã.

É muitas vezes
O triste e pobre
Papel de embrulho.

É de outras vezes
De carta aérea
Com ar de nuvem.

Mas é no papel
No branco asséptico
Que o verso rebenta.

Como um ser vivo
Pode brotar
De um chão mineral?

.....

A ÁRVORE

O frio olhar salta pela janela
Para o jardim onde anunciam
A árvore.

A árvore da vida? A árvore
Da lua? A maternidade simples
Do fruto?

A árvore que vi numa cidade?
O melhor homem? O homem além
E sem palavras?

Ou a árvore que nos homens
Adivinho? Suas veias, seus cabelos
Ao vento?

O frio olhar
Volta pela janela
Ao cimento bruto
Do quarto e da alma.

Calma perfeita
Pura inércia
Onde jamais penetraria
O rumor

Da oculta fábrica
Que cria as coisas
O oculto impulso
Que explode em coisas

Como a frágil folha
Nesse jardim.

A LIÇÃO DE POESIA

Tua manhã consumida
Como um sol imóvel
Diante da folha em branco:
Princípio do mundo, lua nova.

Ja não podias desenhar
Sequer uma linha;
Um nome sequer uma flor
Desabrochava no verão da mesa

No meio dia iluminado
Cada dia comprado
Do papel que pode aceitar
Qualquer mundo.





A noite inteira o poeta
Em sua mesa, tentando
Salvar da morte os monstros
Germinados no seu tinteiro.

Monstros, bichos, fantasmas
De palavras, circulando,
Urinando sôbre o papel,
Sujando-o de seu carvão.

Carvão de lápis, carvão
Da idéia-fixa, carvão
Da emoção extinta, carvão
Consumido nos sonhos.





A luta branca sôbre o papel
Que o poeta evita.
Luta branca onde corre o sangue
De suas veias de água salgada.

A física do susto percebida
Entre os usos diários;
Susto das coisas jamais pousadas
Porém imóveis — naturezas vivas.

E as 20 palavras recolhidas
Nas águas salgadas do poeta
De que se servirá o poeta
Em sua máquina útil.

20 palavras sempre as mesmas
De que conhece o funcionamento
A evaporação, a densidade
Menor que o ar.

A CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Não há guarda-chuva
Contra o poema
Subindo de regiões onde tudo é surpresa
Como uma flor num canteiro.

Não há guarda-chuva
Contra o amor
Que mastiga e cospe como qualquer bôca
Que tritura como um desastre.

Não há guarda-chuva
Contra o tédio,
O tédio das quatro paredes, das quatro
Estações, dos quatro pontos cardiais.

Não há guarda-chuva
Contra o mundo
Cada dia devorado nos jornais,
Sob as espécies de papel e tinta.

Não há guarda-chuva
Contra o tempo
Rio fluindo sob a cama, correnteza
Carregando os dias, os cabelos.

A JOAQUIM CARDOSO

Com teus sapatos de borracha
Seguramente
É que os seres pisam
No fundo das águas.

Encontraste algum dia
Sobre a terra
O fundo do mar,
O tempo marinho e calmo?

Tuas refeições de peixe;
Teus nomes
Femininos: Mariana; teus versos
Medidos pelas ondas;

A cidade que não consegues
Esquecer,
Aflorada no mar: Recife.
Arrecifes; marés, marézas.

Marinha ainda a arquitetura
Que sonhaste:
Tantos sinais da marítima nostalgia
Que te fez lento e longo.

A VICENTE DO REGO MONTEIRO

Eu vi teus bichos
Mansos e domésticos:
Um motociclo,
Gato e cachorro.
Estudei contigo
Um planador
Volante máquina
Incerta e frágil.
Bebi do álcool
Que fabricaste
Servido às vezes
Numa leiteira.
Mas sobretudo
Senti o susto
De tuas surpresas.
E é por isso
Que quando a mim

Alguem pergunta
Tua profissão
Não digo nunca
Que és pintor
Ou professor
(Palavras pobres
Que nada contam
Dessas surpresas).
Respondo sempre:
— É inventor,
Trabalha ao ar livre
De régua em punho
Janela aberta
Sôbre a manhã.

A NEWTON CARDOSO

Eu vi a bola
De futebol
Correr no campo.
Que era ela?

Bola de tênis
Alegre e viva?
Steno-dactilógrafa
Risonha e loura?

Depois saías
No seu encalço
Como lembrança
Que se persegue.

Depois saltavas
Para alcançá-la
Como a uma fruta
Alta num galho.

Eu me orgulhava
De ser teu amigo
Como em menino
Tanto invejei

Tuas mãos lavadas.
Como ainda hoje
Teu natural
Em amar o sol.

A PAUL VALERY

É o diabo no corpo
Ou o poema
Que me leva a cuspir
Sobre meu não higiênico?

Doce tranqüilidade
Do não fazer; paz,
Equilíbrio perfeito
Do apetite de menos.

Doce tranqüilidade
Da estátua na praça
Entre a carne dos homens
Que cresce e cria.

Doce tranqüilidade
Do pensamento da pedra
Sem fuga, evaporação,
Febre, vertigem.

Doce tranqüilidade
Do homem na praia:
O calor evapora,
A areia absorve,

As águas dissolvem
Os líquidos da vida.
E o vento dispersa
Os sonhos; apaga

A inaudível palavra
Futura, apenas
Caída da bôca
Já gasta em silêncio.

PEQUENA ODE MINERAL

Desordem na alma
Que se atropela
Sob essa carne
Que transparece.

Desordem na alma
Que de ti corre
Vaga fumaça
Que se dispersa

Informe nuvem
Que em ti cresce
E cuja face
Nem reconheces.

Tua alma cresce
Como cabelos,
Unhas, humores,
Palavras ditas

Que não se sabe
Onde se perde
E a terra impregnam
De sua morte.

Tua alma escapa
Como êsse corpo
Sólto no tempo
Que nada impede.

Procura a ordem
Que vês na pedra:
Nada se gasta
Mas permanece.

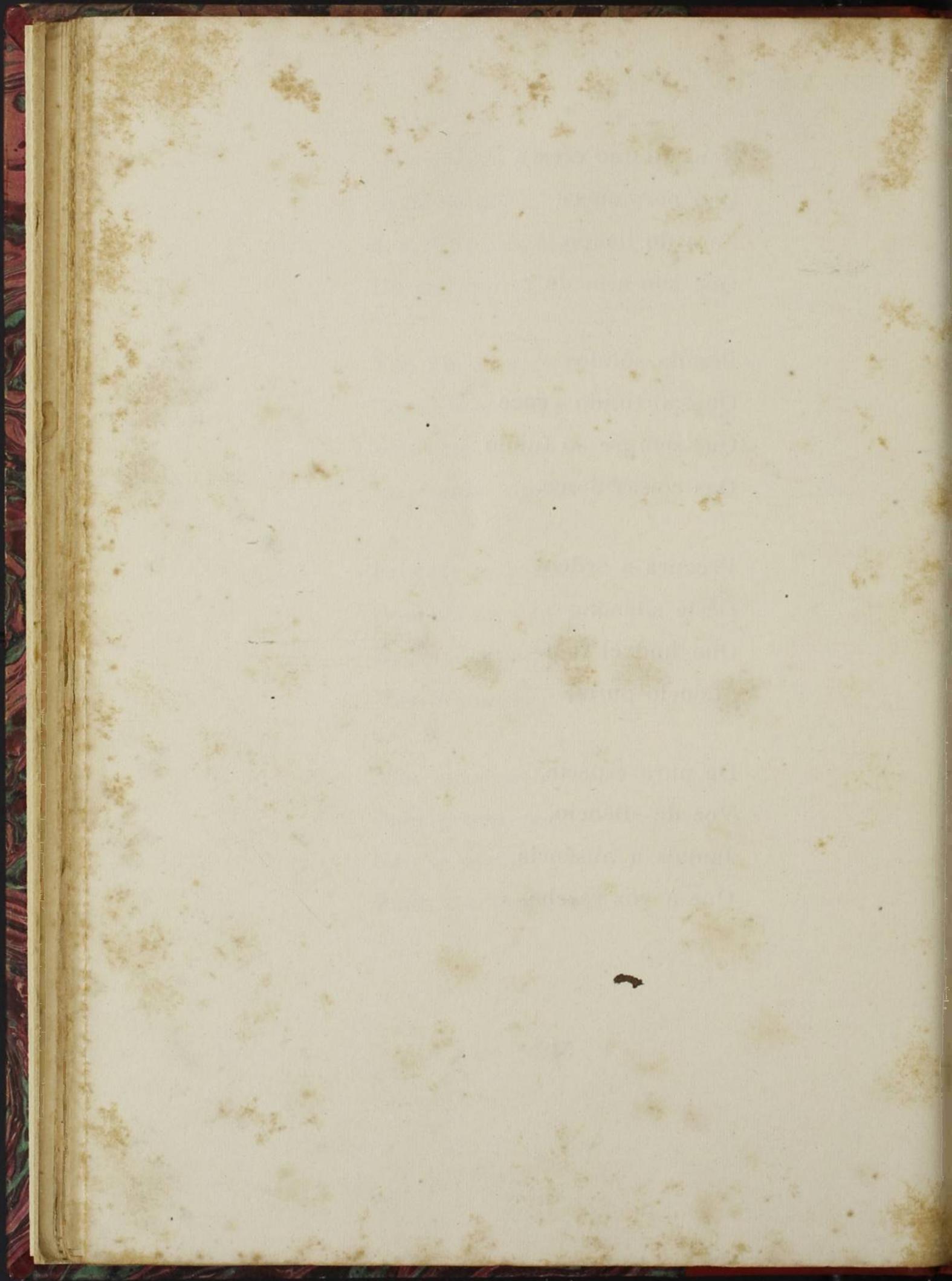
Esta aparência
Que reconheces
Não se devora
Tudo em que cresce.

Nem mesmo cresce
Que permanece
Fora do tempo
Que não a mede

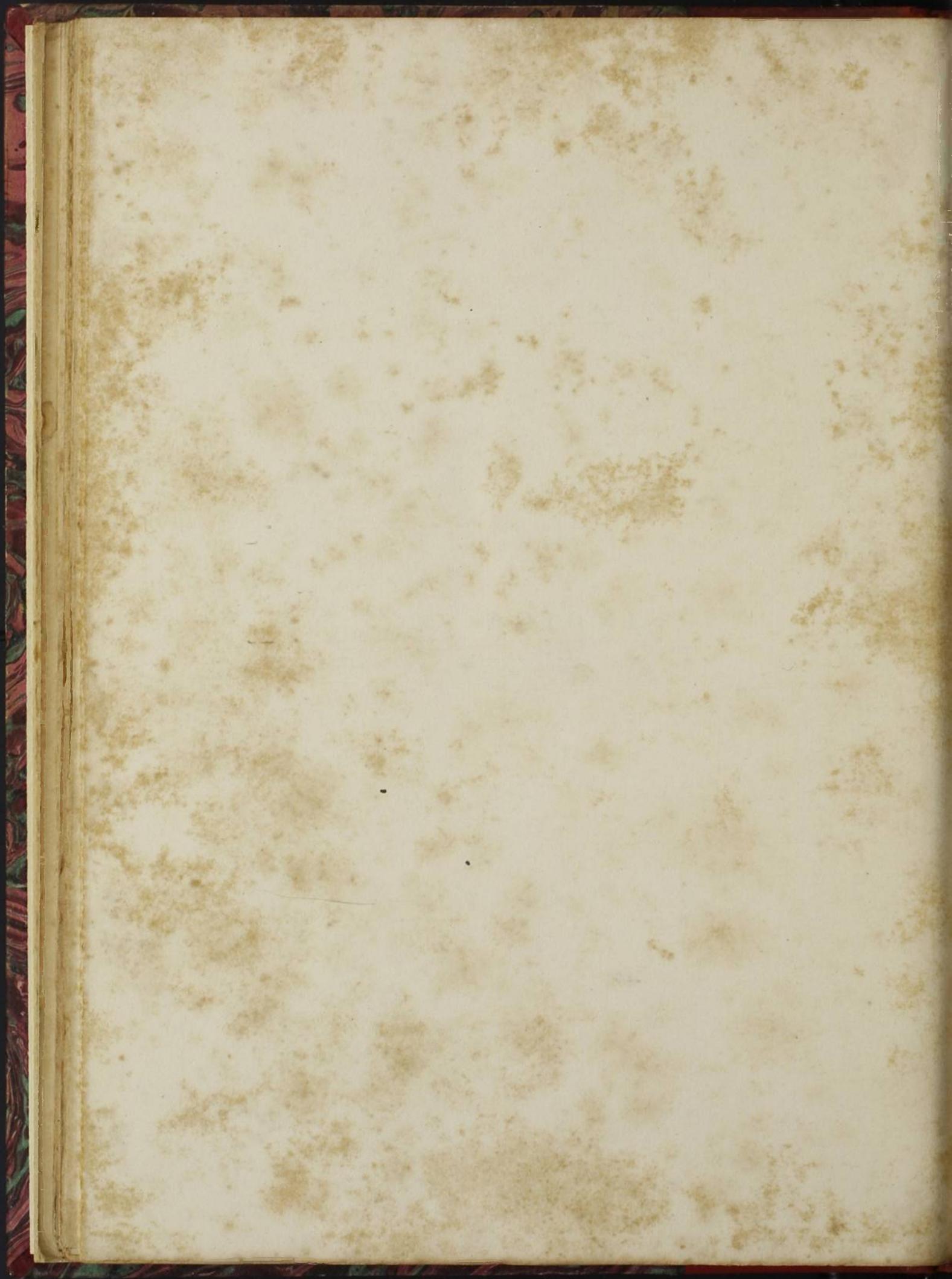
Pesado sólido
Que ao fluido vence
Que sempre ao fundo
Das coisas desce.

Procura a ordem
Dêste silêncio
Que imóvel fala.
Silêncio puro

De pura espécie,
Voz de silêncio,
Jamais a ausência
Que à voz recebe.



ÍNDICE



As nuvens	11
A paisagem zero	12
A bailarina	14
A viagem	15
A mulher sentada	16
O engenheiro	17
Os primos	18
O fim do mundo	20
A moça e o trem	21
As estações	22
A mesa	26
O fantasma	28
O funcionário	30
O poema	32
A árvore	34
A lição de poesia	36
A Carlos Drummond de Andrade	39
A Joaquim Cardoso	41
A Vicente do Rego Monteiro	43
A Newton Cardoso	45
A Paul Valery	47
Pequena ode mineral	49

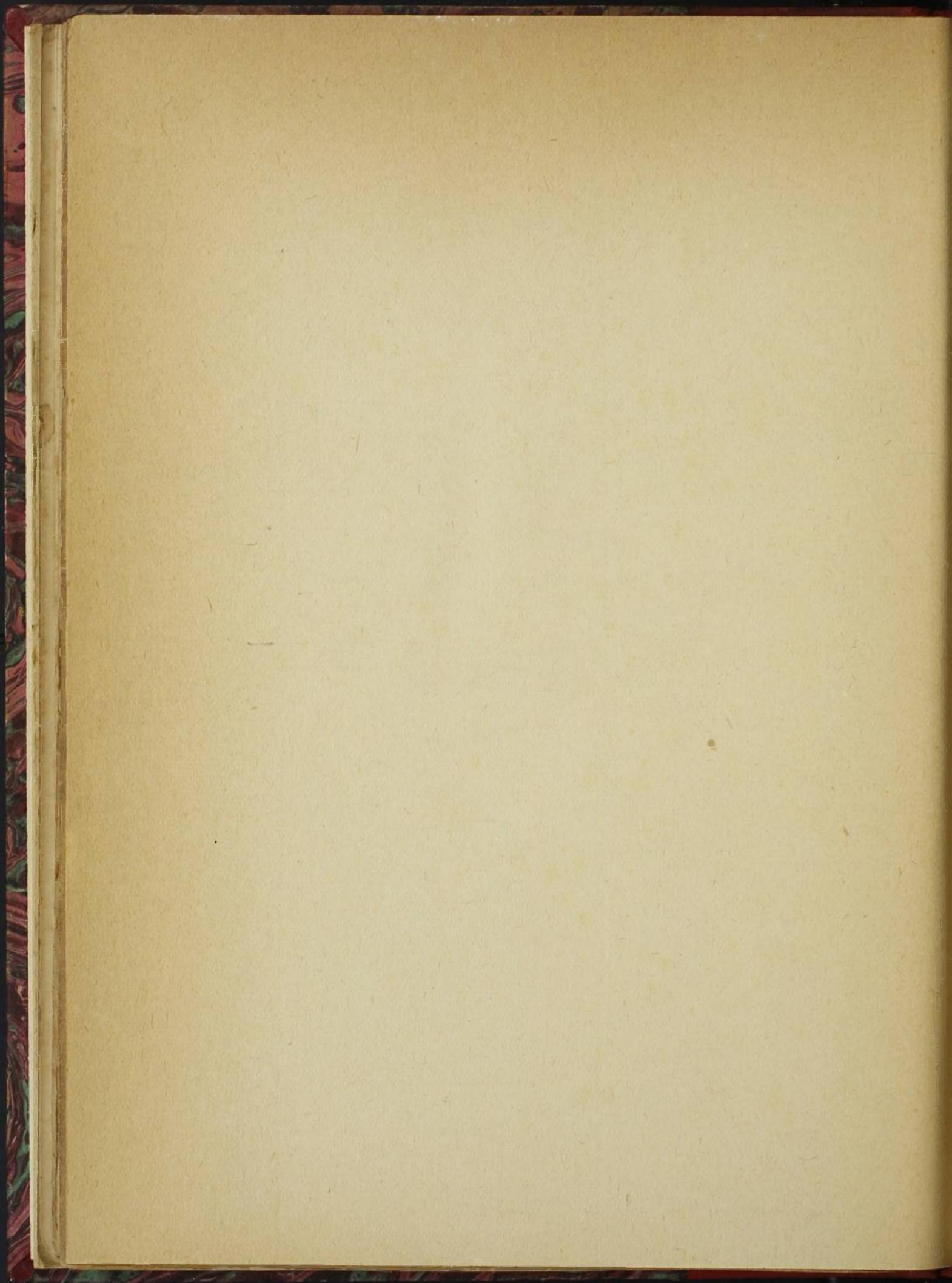
Composto
e
impresso
na
Gráfica Econômica Ltda.
Rua Luiz de Camões, 74
RIO

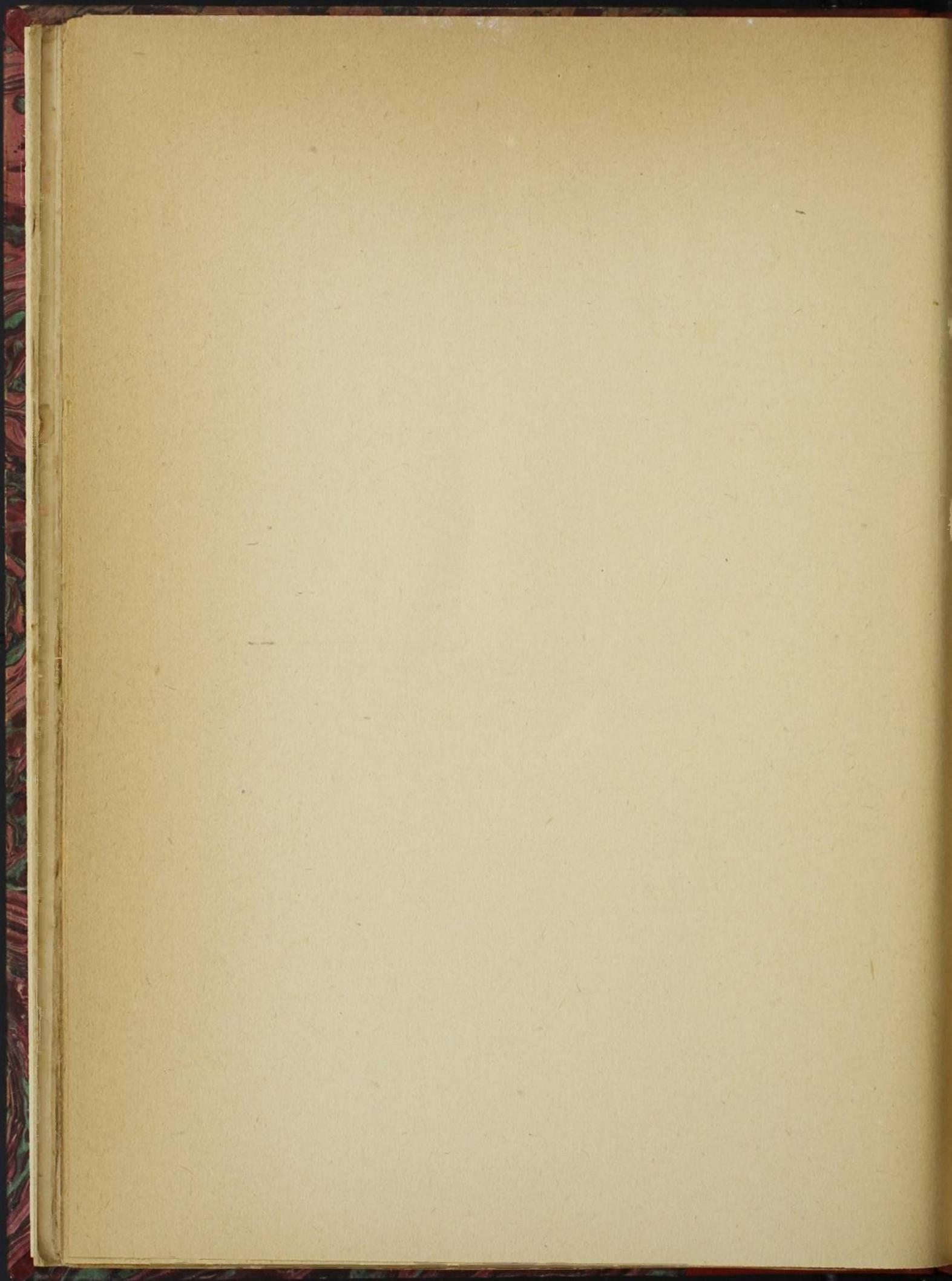
20
AMIGOS DA POESIA
próxima publicação:

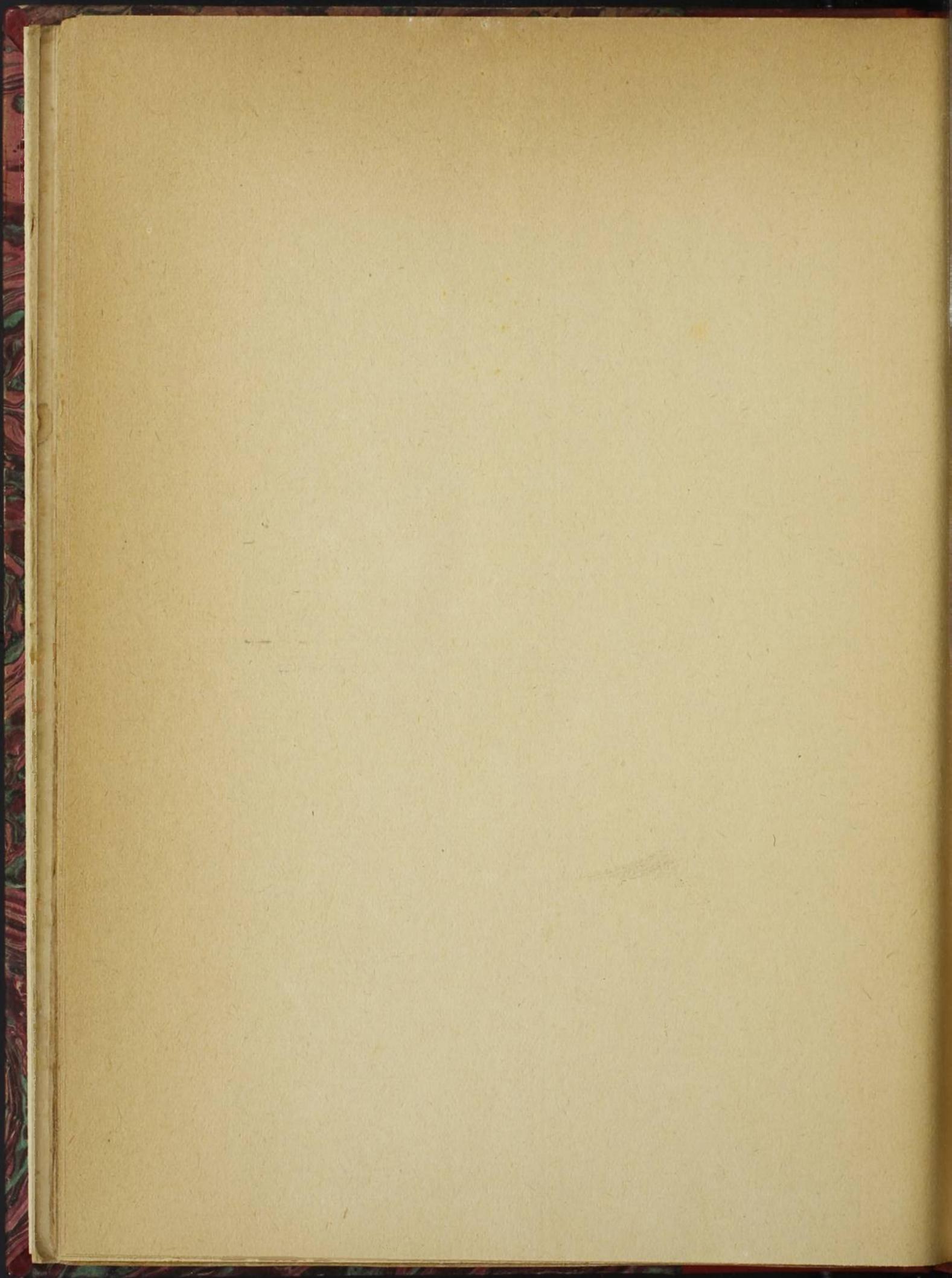
CORDÉLIA E O PEREGRINO

de

Vinícius de Moraes







19597

